Experiência, Arquitetura e Investigação

Apresentação do Programa a partir da experiência do autor

Dilson Fetzner Lima · ORCID 0009-0009-7869-179X · Versão 1.0.2 · 7 de novembro de 2026

Apresentação

Como seria viver um tempo reconhecível para nós mesmos?

Essa pergunta ganhou palavras durante uma conversa com um assistente de inteligência artificial sobre continuidade, mudança e reconhecimento de si. Enquanto conversávamos, eu ouvia músicas que me trouxeram lembranças de momentos meus. Não encontrei uma explicação inteira da minha vida. Reconheci fragmentos.

Uma lembrança podia tornar-se próxima sem esclarecer todas as outras. Algo voltava a ser sentido como meu, mesmo quando eu ainda não compreendia como aquilo se articulava à pessoa que estava me tornando.

Este trabalho parte dessa experiência e das perguntas que ela suscita. Como continuamos nos reconhecendo enquanto mudamos? O que acontece quando a vida segue em funcionamento, mas nossa relação com ela se torna distante ou opaca? Como acompanhar essas mudanças sem reduzir uma pessoa ao estado em que a encontramos?

Em *O Chamado*, descrevo o que está acontecendo comigo, tal como consigo vivê-lo e expressá-lo. A escrita reúne cenas, perguntas e tentativas de aproximação ao vivido. Permanecem lacunas. A elaboração conceitual da FICND procura dar precisão a algumas dessas perguntas e construir condições para investigá-las.

O Erro da Fotografia, texto que publiquei na Série Fundadora da FICND, expressa uma preocupação que atravessa esse percurso. Um momento pode ser verdadeiro e, ainda assim, insuficiente para compreender uma trajetória. O reconhecimento dessa insuficiência pede cuidado no olhar dirigido ao outro e na relação consigo mesmo. Responsabilizar-se pelos próprios atos não exige transformar um deles numa sentença sobre toda a própria existência.

O objeto do Programa é a Continuidade Vivida, descrita no artigo como “a permanência experiencial pela qual diferentes momentos continuam podendo ser vividos como pertencentes à mesma trajetória, através do tempo e da mudança”. A pergunta deste trabalho é como essa permanência pode ser reconhecida como própria. Esse reconhecimento pode ser parcial, difícil ou incerto. Não constitui uma tarefa que alguém precise cumprir para ter sua experiência respeitada.

A arquitetura oferece distinções para examinar estados, relações e movimentos da experiência: como ela se articula, o que permanece disponível, como funciona e como se organiza ao longo da trajetória. Essas distinções ganham sentido quando aproximadas de situações concretas. O episódio das músicas e das memórias pode servir de exemplo de leitura, desde que preservados os limites de um relato em que sou, ao mesmo tempo, quem vive e quem interpreta.

Está em desenvolvimento o Atlas da Travessia Humana, título ainda provisório de uma obra autoral cuja proposta é acompanhar processos de reorganização da experiência. O registro

descreve a reorganização inferida, não uma característica da pessoa. Essa distinção importa porque um registro pode descrever algo que aconteceu sem definir quem aquela pessoa é.

A arquitetura nasceu da minha tentativa de compreender a experiência e também me ofereceu linguagem para reconhecer fragmentos meus. Relato esse apoio como parte de sua história de elaboração. Seu valor para outras pessoas, a precisão de suas distinções e o alcance de suas hipóteses precisam ser examinados. A proposta não diagnostica, não mede o Self e não promete prevenção.

Por isso, essas perguntas precisam tornar-se hipóteses que possam ser examinadas, contestadas e, se for o caso, abandonadas. Elas se estendem, ainda, para além do indivíduo. Investigar relações, comunidades, instituições e transmissão cultural exige definir o que se observa em cada escala, com métodos próprios e sem transferir automaticamente os conceitos.

"A habitabilidade de viver é o que reivindico." Essa frase nomeia meu compromisso humano com o trabalho, especialmente com quem encontra dificuldade para reconhecer-se na própria vida. Apresento aqui o que pude elaborar e as questões que continuam abertas, oferecendo-as à leitura, à crítica e à investigação.

Dilson Fetzner Lima
Recife, 7 de novembro de 2026

Fonte da formulação citada: FETZNER LIMA, Dilson. A Continuidade Vivida como Objeto Científico. v1.3, §4. Zenodo, 2026. https://doi.org/10.5281/zenodo.21796281

O Erro da Fotografia: FETZNER LIMA, Dilson. O Erro da Fotografia: uma leitura fenomenoestrutural de estados humanos em travessia. v1.1. Zenodo, 2026. https://doi.org/10.5281/zenodo.19423168

Esta apresentação foi elaborada pelo autor com assistência de inteligência artificial na organização e revisão do texto.

FICND — Programa Independente de Pesquisa da Continuidade Humana. Iniciativa de finalidade não lucrativa, sem pessoa jurídica constituída, em processo de organização institucional. ficnd.org